



Universität
Zürich ^{UZH}

Romanisches Seminar



Congresso internacional



Contactos e fronteiras em perspetiva

70 anos de Estudos de Português na Universidade de Zurique

10 a 12 de novembro de 2016

Resumos e notas biobibliográficas

Cátedra Carlos de Oliveira

Interuniversitáres Doktoratsprogramm Iberoromanistik

Doktoratsprogramm Romanistik: Methoden und Perspektiven

Bolsa *Fernão Mendes Pinto* do Camões, I.P.

ALBERT VON BRUNN

Zentralbibliothek Zürich

**Luís Krausz entre Zurique, São Paulo e Rolândia.
Rastros de uma peregrinação**

A minha palestra enfoca a obra do escritor brasileiro Luís Krausz (*1961), filho de uma família de judeus vienenses refugiados no Brasil. Como uma peregrinação pós-moderna, o narrador do romance *Desterro* (2011) erra por dois continentes. A indagação obsessiva em busca das raízes perdidas do outro lado do Atlântico leva o protagonista a uma Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial, às minas de carvão de Duisburg e ao centro de Zurique. A cidade suíça ocupa um lugar central neste périplo, visto que é uma metrópole de língua alemã livre dos fantasmas do nazismo. No entanto, o mito de Zurique vai se desgastando ao longo da narração e contrasta com a realidade de uma megalópole caótica do Terceiro Mundo: São Paulo. Zurique, São Paulo e Rolândia, cenário do último romance *Bazar Paraná* (2015), ocupam três lugares no caminho entre uma Europa idealizada e uma Babilônia caótica, infestada de tráfico, ponto final de todas as peregrinações.

Albert von Brunn estudou Filologia Românica nas Universidades de Basileia, Zaragoza, Lisboa e Coimbra, doutorou-se em 1981 na Universidade de Basileia. É, desde 1986, administrador do acervo português e brasileiro da Biblioteca Pública (Zentralbibliothek) de Zurique. Publicações: *Die seltsame Nation des Moacyr Scliar: Jüdisches Epos in Brasilien* (1990), *Moderne brasilianische Literatur 1960-1990*

(1997), *Der Wahnsinn der Moderne* (2005), *Milton Hatoum between the Orient and the Amazon* (2012) e *Joseph Conrad in Lateinamerika: eine Spurensuche* (2015). Em 2013 publicou *Trilhos na cabeça*, uma antologia focalizada para o motivo do caminho de ferro na literatura brasileira e, em 2006, *Carris de papel: o caminho-de-ferro na literatura portuguesa*. Por iniciativa de Portugal-Frankfurt publicou, em 1997, um volume bilingue sobre Mário de Carvalho com a tradução do conto “A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho”. Entre 1986 e 2009, escreveu regularmente na revista *Orientierung* da Companhia de Jesus sobre literatura portuguesa e brasileira. É colaborador permanente do site www.novacultura.de.



ALBERT WALL

Universität Zürich

Assimilação e saliência dos artigos definidos em português e suíço alemão: um estudo contrastivo

Neste estudo contrastivo, analiso as semelhanças e diferenças entre processos de assimilação de formas monossegmentais nos paradigmas dos determinantes em variedades portuguesas e alemânicas, e as suas consequências para os respetivos sistemas de determinantes, como também para a sua conceptualização gramatical. Atenção especial será dedicada à “hipótese fonológica” (Thomas 1969, Wall 2015) para a explicação da aparente instabilidade do sistema dos determinantes no português brasileiro e aos dados “externos” das variedades alemânicas que podem contribuir para a sua avaliação.

Referências:

Thomas, Earl W. (1969): *The syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Wall, Albert (2015): *Bare nominals in Brazilian Portuguese. An integral approach*. Tese de doutorado, Universidade de Zurique.

Albert Wall estudou Filologia Românica e Filologia Eslava na Universidade de Tübingen, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Estudos Linguísticos. Em 2015, defendeu a sua tese de doutorado, na Universidade de Zurique, sobre a sintaxe e a semântica dos

nomes nus no português brasileiro e a sua vinculação à fonologia dos artigos definidos (*Bare Nominals in Brazilian Portuguese. An integral approach*. University of Zürich, 2015). Atualmente, é assistente na Cátedra de Linguística Ibero-românica (Prof. Dr. Johannes Kabatek) na Universidade de Zurique e trabalha num projeto sobre a marcação diferencial do objeto no espanhol.

* * *

ANA SOFIA LARANJINHA

Universidade do Porto / IF / SMELPS

Ecos de Tristão no Ocidente Peninsular (sécs. XIII-XIV)

A história dos amores trágicos de Tristão e Iseu foi certamente uma das que mais profundamente marcaram o imaginário medieval europeu. As origens arcaicas, a capacidade para representar os conflitos internos da sociedade feudal, a riqueza e a insubmissão dos protagonistas contribuíram para a construção de um verdadeiro mito cujo potencial subversivo tem sido sublinhado pela crítica. Entre os poemas franceses do séc. XII e o ciclo arturiano em prosa, Tristão juntou-se à Távola Redonda e o seu amor destrutivo foi domesticado pelo código cortês, passando para segundo plano face à aventura do Graal. É desta fase que datam os vestígios materiais da narrativa tristaniana em galego-português: um fragmento do *Tristan en Prose* e os lais de Bretanha, retirados do mesmo romance. A sua existência é um dos sinais de um contacto intenso e fecundo com a cultura francesa, particularmente visível na receção precoce do ciclo arturiano. Também na lírica galego-portuguesa é possível identificar, não apenas referências literais e diretas, mas ainda elípticas reelaborações que revelam um conhecimento profundo e partilhado do mito tristaniano.

Ana Sofia Laranjinha doutorou-se em 2005 com uma dissertação intitulada *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Robert de Boron* (Porto, 2010). Investigadora do «Seminário Medieval - Literatura, pensamento e sociedade»

(Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto), trabalha sobre o romance arturiano e suas repercussões na Península Ibérica e também sobre a lírica galego-portuguesa e a historiografia ibérica medieval. Foi docente da Universidade do Porto até 2013, data em que se mudou para as margens do lago Léman. Entre os seus trabalhos mais recentes, destaca-se a participação na edição da *Estória do Santo Graal. Livro Português de José de Arimateia* (Porto 2010).



ANDRÉ MASSENO

Universität Zürich

O império tropical.

D. Pedro II na Exposição Universal da Filadélfia

Em 1876, o imperador brasileiro D. Pedro II empreendeu uma viagem aos Estados Unidos para conhecer o território estadunidense e participar da inauguração do pavilhão brasileiro na Exposição Universal da Filadélfia. O “monarca dos trópicos” recebeu uma acalorada cobertura do jornal *New York Herald*, que o retratou como “um soberano ativo que busca aprender o modo republicano de viver”. A estada do imperador culminou com sua *performance* pública durante a visita à Exposição Universal da Filadélfia, que era vista como poderoso veículo de propaganda da imagem do Brasil como nação abundante de riquezas naturais e composta por uma civilização moderna.

A partir da cobertura do jornal *New York Herald*, a presente comunicação levanta a hipótese de que os discursos oficiais do Império, na sua dimensão literária e performativa, foram a primeira etapa da difusão imagética do Brasil como espaço portador de civilização e natureza tropicais, adaptado ao juízo estético estrangeiro.

Referências:

Giberti, Bruno (2002): *Designing the Centennial: A History of the 1876 International Exhibition in Philadelphia*. Kentucky: The University Press of Kentucky.

Schwarcz, Lilia Moritz (1998): *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

André Masseno é doutorando e assistente de Cultura e Literatura Brasileiras na Cátedra de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Zurique. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seu projeto doutoral se concentra numa abordagem crítico-histórica das configurações da noção de *tropical* na cultura brasileira, com ênfase nas produções artístico-literárias relacionadas com os movimentos contraculturais durante as décadas de 1960 e 1970.



ANDREIA KARNOPP

Universität Zürich

O português dos descendentes suíços na Colônia Helvetia, São Paulo

Desconhecem-se até hoje trabalhos científicos sobre o contato entre variedades regionais do português do Brasil e dialetos suíços. O meu trabalho pretende colmatar estas lacunas. Esta comunicação se concentrará nas influências linguísticas do contato entre o “português caipira” da região Campinas/Indaiatuba e o antigo dialeto alemânico superior de Obwald, na Suíça, desde o ano 1854, quando os primeiros suíços imigraram para São Paulo e se instalaram na Fazenda Sítio Grande, no município de Jundiaí.

Entre diversas manifestações folclóricas, a língua de herança mal sobreviveu, basicamente porque Getúlio Vargas, durante a II Guerra Mundial, incrementou o nacionalismo através de uma política monolinguística, tentando obrigar as minorias étnicas, como os suíço-brasileiros, a falarem somente português.

Os 29 descendentes que ainda falam o mencionado dialeto de Obwalden pertencem a uma geração mais antiga. São bilíngues mas pouco falam o dialeto por não terem interlocutores suficientes. Além disso, o português é a indiscutível língua do cotidiano desde os anos 1950. Focando elementos fonéticos e morfológicos, esta comunicação apresentará os primeiros resultados deste *language-shift*.

Referência:

KARNOPP, Andreia C.; VON BORSTEL, Clarice N. (2012): „Fenômenos de contato linguístico: um estudo sobre o português e o dialeto suíço-alemão”. Em: *Revista Línguas & Letras*, Projeto SABER, v. 13, n.º 24, pp. 117-142. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1197>>.

Andreia Caroline Karnopp é doutoranda em Linguística Portuguesa na Universidade de Zurique, no Programa de Doutorado de Linguística (Doktoratsprogramm Linguistik, DPL) sob coordenação do Prof. Dr. Johannes Kabatek e do Prof. Dr. Stephan Schmid. Sua tese com o título *O português dos descendentes suíços no Brasil* é um estudo empírico que pretende analisar a dinâmica de assimilação e afirmação linguística e identitária dos descendentes de imigrantes suíços no Brasil, e mais precisamente na Colônia Helvetia, Indaiatuba, São Paulo. Trabalha como professora de português e de espanhol e, na Universidade de Zurique, como coordenadora do Programa de Doutorado Interuniversitário.

CARLOS PESTANA

Pädagogische Hochschule Bern

**Línguas africanas, “guias-intérpretes” e
as guerras portuguesas em África (1961 – 74)**

O discurso sobre um “mundo lusófono” tende a ocultar que, ao se expandir, o “império português” se tornou, de facto, numa entidade plurilingue. A administração portuguesa viu-se obrigada a desenvolver estratégias para lidar com esse plurilinguismo, recorrendo, entre outros, a intermediários linguísticos, denominados “línguas”, no início da expansão, ou “guias-intérpretes” no âmbito das guerras que ditaram o fim do império português em África entre 1961 e 1974.

Nesta intervenção, concentro-me na atividade dos “guias-intérpretes”. Recrutados entre a população indígena, os “guias-intérpretes” serviam de agentes de ligação entre as forças armadas portuguesas e a população não-lusófona. Tendo como pano de fundo entrevistas com antigos combatentes, tenciono mostrar como os conhecimentos linguísticos dos “guias-intérpretes” permitiram às forças armadas portuguesas ter acesso a todo o tipo de informações. Graças a eles, a atuação portuguesa no âmbito da chamada “guerra anti-subversiva”, tornou-se mais eficaz, demonstrando que a gestão destes espaços plurilingues foi utilizada pelo regime português para os seus próprios fins.

Referências:

Couto, D. (2003): “The Role of Interpreters, or *Linguas*, in the Portuguese Empire During the 16th Century”, *in: E-Journal of Portuguese History*, 1(2).

Pinheiro, C. C. (2008): “Língua e Conquista: formação de intérpretes e políticas imperiais portuguesas de comunicação em Ásia nos alvares da modernidade”, *in: Lima, Ivana Stolze e Carmo, Laura do (org.): História Social da Língua Nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, pp. 29–64. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf.

Rocha, S. M. M. C. de A. (2012). *Dinâmicas de poder dos intérpretes/língua portuguesas na Ásia de João de Barros*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2100>

Carlos Pestana é docente de Didática do Francês na Escola Superior de Educação de Berna. Tem mestrado em Didática e Ciências do Plurilinguismo pela Universidade de Friburgo, com uma tese sobre a utilização das línguas autóctones durante as guerras de Portugal em África entre 1961 e 1974. Foi colaborador científico do projeto *Língua de origem e língua de escolarização: em que medida é que competências de literacia são transferíveis?* do Centro de Competências sobre o Plurilinguismo em Friburgo.



CAROLINA LEITE

Tesserete, Suíça

O lugar sem pátria da singularidade

Um encontro inesperado: em diálogo, Maria Helena Vieira da Silva, Ana Hatherly e Maria Gabriela Llansol. Vozes de criação e de invenção: a mão inteligente que lança sobre a folha branca o traço, a cor, o ritmo, a imagem, o fulgor sonoro-cénico. Repetição encantada do gesto que capta a voz interior: caminho de hesitação e obstinada procura até à definição de uma *língua* privada. Desenho, pintura, poesia, texto crítico e poético: visitar, na diversidade, um mesmo dom de invenção que desloca, até ao desconhecido, as margens da linguagem comum.

Referências:

Butor, Michel (1997): *Vieira da Silva, Dessins, desenhos, disegni*.

Tesserete: Pagine d'Arte.

Hatherly, Ana (2004): *A mão inteligente*. Lisboa: Quimera.

Llansol, Maria Gabriela (1994): *Lisboaleipzig 1, O encontro inesperado do diverso*. Rolim.

Carolina Leite é socióloga, foi professora associada na Universidade do Minho (1987-2006), responsável do Museu Nogueira da Silva da UM (2002-2006) e docente convidada na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1998-2002). Tem estudos e publicações na área da emigração, da produção e apropriação do espaço doméstico; da habitação cooperativa; da invenção independente e, mais recentemente, da percepção do corpo e leitura das suas metamorfoses. Desde 2006, ocupa-se, com Matteo Bianchi, da editora *Pagine*

d'Arte. Neste âmbito, dedica particular atenção à divulgação, em francês e em italiano, da obra de Maria Gabriela Llansol. Principais publicações: *Maisons de rêve au Portugal*, Créaphis, Paris (1994) e *Casas de Sonhos*, Salamandra (1995), em colaboração; *Eva, depois do paraíso. Modos de habitar e identidade no percurso migratório* (tese, 1998); *Steinlen, pour l'amour des chats*, Pagine d'Arte, 2007; longa entrevista a Nuno Sá Coimbra, *Corpo, memória e consciência, diálogo em torno de uma nova medicina*, Pagine d'Arte, 2009. Colabora regularmente em revistas e catálogos de arte. Integra a redação da revista *Libretto* da editora *Pagine d'Arte*.



DORA MANCHEVA

Universidade de Genebra

**O fantasma lusitano: sobre os vestígios
do português no judeu-espanhol oriental**

Nesta apresentação, irei tentar proceder a um levantamento e comentário de indícios que o português deixou em vários aspetos da vida da comunidade sefardita do Império Otomano. Será analisada a sua presença – ou a sua ausência – na história das famílias e comunidades, nos hábitos, na cultura popular, etc. A ênfase será posta no impacto linguístico, principalmente no vocabulário. No fim, tirar-se-ão conclusões a respeito dos vestígios reais do português nas variedades sefarditas orientais em geral e nas búlgaras em particular.

Dora Mancheva é doutorada pelas Universidades de Sófia e Genebra. Lecionou nas Universidades de Basileia, Berna, Lausana e Sófia, bem como na Universidade da África do Sul (UNISA). Como investigadora, os seus interesses estão centrados na edição e no estudo de textos impressos aljamiados sefarditas da região dos Balcãs e manuscritos em caracteres latinos da Península Ibérica. Além disso, nos últimos anos tem-se dedicado à tradução para línguas europeias e consequente difusão dos nomes de plantas medicinais com origem nas Américas.



EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

Universität Zürich

Limiares dos Sermões. Oratória e história em Haroldo de Campos, Eduardo Viveiros de Castro e Nuno Ramos

O leitor habituado com a literatura lusófona encontra na palavra "Sermões" o nome do Padre Antônio Vieira. Considerado por Fernando Pessoa como o imperador da língua portuguesa, Vieira é autor de uma quantidade voluminosa de sermões, onde toda a retórica de púlpito faz jus ao étimo *sermão*, a saber, a organização e o encadeamento das palavras. Seja pelas visões ou pela retórica, cada sermão de Vieira possui uma eficácia social. Isto é, além de atingir os propósitos da Igreja católica para pregar a palavra de Deus, ele produziu textos incontornáveis para a literatura em língua portuguesa.

A proposta de leitura consiste em demarcar historicamente os limites da oratória na literatura e apresentar procedimentos artísticos, sintáticos e antropológicos em textos publicados no Brasil que têm como ponto de partida a tópica do Sermão. A contrapelo, o artista e escritor Nuno Ramos (*Sermões*, 2015), o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (*A inconstância da alma selvagem*, 2002) e o poeta Haroldo de Campos (*Xadrez de estrelas*, 1949-1974) recriaram novos valores para imagens dos sermões de Vieira.

Eduardo Jorge de Oliveira possui doutoramento em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em cotutela com a

École Normale Supérieure (ENS), em Paris, com a tese *Inventar uma pele para tudo: texturas da animalidade na literatura e nas artes visuais*. Foi pesquisador associado do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da Universidade de Campinas, em São Paulo). Realizou pesquisa de pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, também em Paris, no CEHTA (Centre d'Histoire et Théorie des Arts). Atualmente é professor de Literatura Brasileira (literatura, artes, medias) na Universidade de Zurique.



GEORGES GÜNTERT

Universität Zürich

***Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei...***

Um testemunho pessoal dos Estudos de Português em Zurique.

Georges Güntert, nascido em 1938 em Lenzburg (Suíça), estudou Filologia Românica em Zurique, Pavia, Paris, Madrid e Lisboa. De 1973 a 2003 foi titular da cátedra de Literaturas Italiana e Ibero-românica da Universidade de Zurique. Foi presidente da Associação de Hispanistas Suíços e fez parte do comité directivo dos Lusitanistas de língua alemã. É membro da comissão de redacção das revistas *Esperienze Letterarie*, *Paratesto* e *Anuario de Estudios Cervantinos*. No âmbito da literatura portuguesa, publicou *Das fremde Ich. Fernando Pessoa* (Berlim, De Gruyter, 1971), traduzido para português com o título *Fernando Pessoa. O eu estranho* (Lisboa, Dom Quixote, 1982), e numerosos estudos sobre autores do século XX.

HELENA BUESCU

Universidade de Lisboa

**O cânone de uma perspectiva da literatura-mundo
em português**

Começa aqui por colocar-se o problema da formação canónica no quadro da sua contextualização histórica, afastando-se alguns dos fantasmas relativistas e essencialistas a que esteve ligado nas últimas décadas. Procede-se de seguida à enunciação de alguns princípios a que uma antologia (já finalizada) de literatura-mundo em português obedeceu para a sua construção, retirando-se finalmente da sua apresentação algumas ilações críticas, teóricas e culturais.

Helena Carvalhão Buescu é professora catedrática na Faculdade de Letras de Lisboa, onde trabalha nas áreas de Literatura Comparada e Literatura Portuguesa e fundou e dirigiu o Centro de Estudos Comparatistas. Colabora regularmente com Universidades estrangeiras, onde tem sido professora ou investigadora convidada (Universidades de Köln, King's College, Santiago de Compostela, Columbia, Harvard, Indiana, Wisconsin, Stanford, Princeton, Pennsylvania, UFRJ, Porto Alegre, Belo Horizonte, PUC-RJ, PUC-Porto Alegre, UERJ e Cambridge) e tem mais de uma centena de artigos científicos publicados em revistas portuguesas e internacionais. Publicações mais recentes: *O Grande Terramoto de Lisboa. Ficar Diferente* (2005), *Cristalizações. Fronteiras da Modernidade* (2005), *Emendar a Morte. Pactos e(m) Literatura* (2008), *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança* (2013). Membro da Academia Europaea. Fundadora e membro (até 2015) do Institute of World Literature (IWL), Harvard U.

JENS ANDERMANN

Universität Zurich

Jens Andermann é professor catedrático de Literatura Ibero-Românica com especial foco para as literaturas extra-europeias. Foi professor de Estudos Latino-Americanos e Luso-Brasileiros no Birkbeck College, Universidade de Londres. Ensinou nas Universidades de Berlim (FU), Bielefeld e Konstanz e foi professor visitante em Princeton, Duke e nas Universidades do Rio de Janeiro (UFRJ) e Buenos Aires (UBA), onde ocupa um posto permanente de docência de pós-graduação. É, há mais de dez anos, editor do *Journal of Latin American Cultural Studies*. Na Argentina, integra o Núcleo de Estudos sobre a Memória do Instituto de Desenvolvimento Económico-Social (IDES), um grupo de pesquisadores dedicados a questões da memória pós-ditatorial na região, é pesquisador associado da Universidad de San Andrés e correspondente internacional de *Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica* (La Plata). Entre as suas publicações destacam-se os livros *New Argentine Cinema* (Londres, 2011), *The Optic of the State: Visuality and Power in Argentina and Brazil* (Pittsburgh, 2007) e *Mapas de poder: una arqueología literaria del espacio argentino* (Rosario, 2000), bem como a edição *New Argentine and Brazilian Cinema: Reality Effects* (com Álvaro Fernández Bravo, Nova Iorque 2013).

LUÍS CALVO

Universität Zurich

Portugal no cinema suízo

Partindo de catro exemplos relevantes pódense analizar as características fundamentais da visión de Portugal que ofrece o cinema suízo dos últimos anos: *Dans la ville blanche* (1983) e *Requiem* (1998) de Alain Tanner, por unha banda, así como *Comboio Noturno para Lisboa* (2013) de Bille August e *Les Grandes Ondes (à l'ouest)* (2013) de Lionel Baier, por outra banda.

A cidade de Lisboa serve en todos eles de punto de referencia e constitue un espazo xeográfico distinto, non utópico, situado nunha xeografía concreta e privilexiada, meta de viaxeiros europeos ou, máis concretamente, suízos, aportando un elemento espacial que organiza os códigos culturais da narración. Tanto a linguaxe como os ollares e as prácticas dos viaxeiros están no centro de atención dos filmes estudados.

Referências:

Portmann, Sylvain: « Une révolution vintage : *Les Grandes Ondes (à l'ouest)*, de Lionel Baier (Suisse/France/Portugal, 2013) », en: *Décadrages*. Disponível em: <http://decadrages.revues.org/754>.

Hochkofler, Gianni; Scariati Renato (2013): « Lisbonne entre lieu et fiction, une lecture géographique de la Ville blanche d'Alain Tanner », en: *Le Globe. Revue genevoise de géographie*, tome 153.

Portugal, pp. 85-96. Disponível em:
http://www.persee.fr/doc/globe_0398-3412_2013_num_153_1_6501.

Luís Calvo doctorouse na Facultade de Filosofía e Letras da Universidade de Zurique, onde actualmente exerce como xerente do Instituto de Historia da Arte. O seu traballo centrouse na historia das migracións na Idade Moderna e Contemporánea, materia sobre a que publicou tres libros e numerosos artigos. Publicacións: Calvo Salgado, Luís Manuel; López Gil, Itziar (eds.) (2009): *Migración y exilio españoles en el siglo XX*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana /Vervuert; Calvo Salgado, Luís Manuel; Fernández Vicente, María José; Kreienbrink, Axel; Sanz Díaz, Carlos; Sanz Lafuente, Gloria (eds.) (2009): *Historia del Instituto Español de Emigración. La política migratoria exterior de España y el IEE del franquismo a la transición*. Madrid: Ministerio de Trabajo e Inmigración; Luís Manuel Calvo Salgado, Concha Langa-Nuño y Moisés Prieto (eds.) (2015): *Tele-revista y la transición: un programa de la televisión suiza para emigrantes españoles (1973-1989)*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert.

MAJA HADIAN

Universität Zürich

Contacto linguístico de imigrantes portugueses da primeira geração na Suíça alemã

Através de um estudo quantitativo e qualitativo de entrevistas a vinte informantes portugueses domiciliados na Suíça alemã, o trabalho discute as influências da língua de contacto sobre a língua materna e os factores que contribuem para fenómenos de contacto linguístico estudados.

A análise dos dados incorporou os três grandes campos de contacto linguístico que são o empréstimo lexical, a alternância de código (*code switching*), a interferência linguística (*code mixing*) e a alternância de código emblemática (*tag switching*), tendo a maior parte dos fenómenos de contacto linguístico ocorrido nos substantivos (30%), nos verbos (19%) e nos advérbios (18%).

Como conclusão da investigação, pôde verificar-se que as pessoas que chegaram com menos idade à Suíça apresentam mais fenómenos de contacto linguístico. Muito surpreendente é que nem o tempo de estadia nem a escolarização parecem ser factores de influência no contacto linguístico.

Relevante neste trabalho é poder-se atribuir, sem dúvidas, o aumento quantitativo e a variação qualitativa de fenómenos de contacto linguístico claramente à idade dos informantes na altura da imigração para a Suíça: quanto mais novos eram no momento de imigrar, mais fenómenos e mais variedade de fenómenos se puderam verificar.

Maja Hadian estudou Linguística Românica Comparada na Universidade de Zurique e na Universidade de Lisboa (FLUL). Dedicou o seu trabalho de mestrado ao contacto linguístico entre o português e o suíço-alemão em imigrantes portugueses da primeira geração. A base do trabalho foi um *Corpus* oral de entrevistas gravadas com vinte informantes, todos camionistas ou serralheiros de profissão.



MARIA ANA RAMOS

MARÍLIA MENDES

Universität Zürich

A história dos Estudos de Português em Zurique

Há vinte anos, em 1996, Gerold Hilty, um dos mais emblemáticos estudiosos de Português em Zurique, caracterizou estes estudos através de um ensaio intitulado “O Português na Universidade de Zurique: um testemunho”, publicado depois em 2003.

Não pretendendo retomar as palavras do ilustre romanista, procuraremos nesta síntese pôr em evidência não apenas os motivos que terão propiciado a criação do então designado *Leitorado de Português* na Universidade de Zurique pelo *Instituto para a Alta Cultura*, mas circunscrever a instituição deste intercâmbio cultural entre Portugal e a Suíça.

Não terá sido uma simples coincidência que o primeiro *Leitor de Português* na Universidade de Zurique tenha sido um dos mais brilhantes alunos de *Filologia Românica* da Universidade de Lisboa em 1945, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Foi certamente a excelência da sua preparação que o levará à Universidade de Zurique, na procura de estabelecer contactos científicos com Jakob Jud, Arnald Steiger ou Johann Ulrich Hubschmied.

A estadia em Zurique será determinante para a definição do seu percurso linguístico e os títulos dos trabalhos não deixam de evocar a investigação que, naquela altura, se efetuava no *Romanisches Seminar*

da Universidade de Zurique. A apropriação da forte sensibilidade 'helvética' quanto à variação e à geografia linguísticas, expressar-se-ão, depois, nos seus pioneiros estudos sobre o mirandês, ou sobre os crioulos de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe.

Maria Ana Ramos formou-se na Universidade Clássica de Lisboa, na Faculdade de Letras de Lisboa (Bacharelato, Licenciatura e Doutoramento), onde ensinou principalmente História da Língua Portuguesa durante vários anos. Após especialização em Filologia Românica na Universidade de Roma, na *La Sapienza*, trabalha atualmente como *Privadozentin* no Romanisches Seminar na Universidade de Zurique, onde ensina Língua, Linguística, Literatura e Filologia portuguesas, e onde obteve também a *Habilitação* em Filologia Românica. Dirige, nesta Universidade, a *Cátedra Carlos de Oliveira* (Camões, I.P.). Os grandes domínios da sua investigação e publicação concentram-se na produção da lírica galego-portuguesa, na circulação de narrativas breves, nas variações textuais, nos processos de transmissão e na receção medieval e quinhentista destes textos.

Marília Mendes tem mestrado em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa. Foi leitora de Português e assistente de Literaturas de língua portuguesa na Universidade de Zurique. Editou *A língua portuguesa em viagem, Actas do colóquio comemorativo do cinquentenário do leitorado Zurique* (Frankfurt: TFM, 2003) e co-editou diversas publicações, entre elas *De márgenes y silencios: homenaje a Martín Lienhard = De margens e silêncios: homenagem a Martin Lienhard* (com Annina Clerici). É atualmente bolseira do programa *Fernão Mendes Pinto* do Camões I.P. e trabalha na área da migração.

MARIA ANTÓNIA MOTA

Universidade de Lisboa

**Pluralidade do português,
pluralidade de padrões linguísticos**

Com vários centros de gravitação, o português é plural; projetado da Europa para zonas geograficamente distantes, diferenciou-se parcialmente da matriz primeira, filtrado pela realidade multifacetada das sociedades em que passou a falar-se também como L1 ou como L2. A par da sua ‘transmissão regular’ – tratando-se de português L1, em sociedades ditas ‘monolingues’, já inerentemente marcado por variação e mudança internas –, a sua ‘transmissão irregular’, como L1 ou L2 em contextos multilingues, de línguas em contacto, desencadeou e desencadeia variação e mudança próprias. Critérios linguísticos conduzem ao estabelecimento dos limites da gramaticalidade dos usos, dentro de cada variedade do português, favorecendo o conhecimento extensivo dos padrões linguísticos em presença. Critérios linguísticos, históricos e simbólicos permitem a delimitação de um padrão que define os usos considerados representativos dos falantes instruídos. Esse padrão, embora não isento de variação, é associado à norma, conceito complexo e não estritamente linguístico. Determinar o padrão de cada variedade nacional (o português de indivíduos instruídos, portugueses, brasileiros, cabo-verdianos...) e das suas variedades internas é uma necessidade, por se tratar de uma questão fundamental para o conhecimento do português como um todo e para o conhecimento da

identidade linguística de cada variedade. «A nossa língua emerge através de uma interação entre a nossa herança linguística e o ambiente linguístico a que somos expostos» (Lightfoot 1999:52; t.n.).

Referência:

Lightfoot, D. W. (1999): *The development of language: Acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell.

Maria Antónia Mota é doutorada em Linguística Geral pela Universidade de Lisboa. Professora Associada da Faculdade de Letras de Lisboa (FLUL) e Docente-Investigadora do Centro de Linguística da mesma Universidade (CLUL). Principais áreas de docência, de investigação e de publicação: Variação linguística em português (morfologia e interfaces com fonologia e sintaxe), Sociolinguística e Morfologia do português. Atualmente, dirige o Centro de Avaliação e Certificação do Português Língua Estrangeira (CAPLE) da FLUL e, no CLUL, integra a Comissão Organizadora da *Gramática do Português* (Fundação C. Gulbenkian). É membro do projeto *ALFAL 21*, tendo recentemente coordenado, pelo CLUL, os projetos FCT-CAPES *Análise contrastiva de variedades do português* e *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias* (parcerias com a UFRJ/Pós-Graduação em Letras Vernáculas). Desde 2009, é coordenadora científica, pela Universidade de Lisboa, da Licenciatura em Estudos Portugueses, na Universidade Mohammed V - Rabat, Marrocos (Protocolo ULisboa, UM5 e Camões I.P.).



MARIA DE LURDES GONÇALVES

Coordenação do Ensino de Português na Suíça

Língua: *alma, sangue e vida!*

História do EPE na Suíça

Data de 1911, com o Decreto-Lei 64-B de 15 de maio (Cirne 2000), a primeira legislação portuguesa relativa ao ensino da língua, da história e da geografia portuguesas no estrangeiro.

O Ensino Português no Estrangeiro (EPE), nos contornos que atualmente assume, é fruto da dialética constante com a migração portuguesa. O EPE tem acompanhado o percurso escolar e educativo de crianças e jovens de muitas famílias, assegurando a construção de uma relação de maior proximidade com a língua e cultura portuguesas, sendo este o elo entre os que partilham a mesma raiz. Parafraseando o verso de Florbela Espanca, a língua é *alma e sangue e vida* em cada um dos muitos portugueses na diáspora.

Esta comunicação irá traçar uma breve história do EPE na Suíça, focalizando o modo como se tem vindo a atualizar para responder aos desafios e exigências das gerações de origem portuguesa no séc. XXI. Colocaremos em destaque as iniciativas levadas a cabo no âmbito da formação contínua dos docentes, bem como as iniciativas para aproximar as famílias migrantes da língua e cultura portuguesas.

Referência:

Cirne, A.C.M.C. (2000): *Para Construir a Formação de Professores de Língua e Cultura Portuguesas no Estrangeiro*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Maria de Lurdes Gonçalves é doutorada em Didática de Línguas pela Universidade de Aveiro. Desde 2013 coordena o Ensino Português no Estrangeiro na Suíça, sob a responsabilidade do Camões, I.P. É membro do LALE, integrado no CIDTFF (Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores) da Universidade de Aveiro e integra a comissão editorial da revista *Portuguese Language Journal*. Desenvolve investigação na área do plurilinguismo, interculturalidade, formação contínua, desenvolvimento profissional docente, liderança educativa e ensino de português língua de herança. Publicou vários artigos científicos, sendo a sua mais recente publicação «*Mind the Gap! Langue d'héritage et approches plurielles*», in: *Enjeux Pédagogiques*, n.º 27 da HEP-BEJUNE, Bienne.

* * *

MOISÉS PRIETO

Humboldt-Universität zu Berlin

**Olhares transnacionais – ligações perigosas:
a Suíça e a ditadura portuguesa**

Nos anos trinta do século XX, o estudioso de literatura friburguês Gonzague de Reynold cantou o panegírico da ditadura de Salazar. Mais tarde, a guerra fria atrairia o interesse e as simpatias pelos regimes autoritários deste lado da cortina de ferro. Na Suíça, o anti-comunismo alcançaria o *status* de doutrina de Estado, entrando na história como “Defesa espiritual nacional”.

O conformismo na Suíça dos anos sessenta manifestou-se na suspensão pelas autoridades televisivas, pouco antes da sua emissão, de uma “elegia política” do escritor e jornalista Hugo Loetscher contra o regime salazarista. Menos conhecido é um estudo da Associação Suíça de Televisão e Rádio, *lobby* anti-comunista fundado em 1973. Em 1977, este grupo publicou um estudo minucioso sobre a cobertura da *Revolução dos Cravos* e do *PREC* por parte do telejornal suíço, onde criticava a atitude presumivelmente benévola face aos comunistas portugueses, concluindo com a perene ladainha sobre a infiltração comunista dos meios de comunicação suíços.

A presente comunicação analisa o texto de 1977 no contexto histórico e ideológico, detetando a imagem da recente história de Portugal presente na direita conservadora. Além disso, pretende

também sublinhar as lacunas da investigação sobre a história das relações entre a Suíça e Portugal.

Referências:

Jeroen Dewulf (2001): “Sobre a ‘mulatização’ da literatura: o caso do escritor Hugo Loetscher”, *in: Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, 18: pp. 511–522.

Reto Monico (2005): *Suisse-Portugal : regards croisés (1890-1930)*. Genève : Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève.

SFRV (1977): *Portugal 1974/75: in der Berichterstattung der deutschsprachigen Tagesschau des Schweizer Fernsehens*. Berna: Ed. Schweizerischen Fernseh- und Radio-Vereinigung.

Moisés Prieto estudou Linguística Românica e História na Universidade de Zurique e na Scuola Normale Superiore de Pisa. Doutorou-se em História na Universidade de Zurique em 2013 com uma tese sobre a percepção suíça do franquismo e da transição espanhola. Investiga atualmente em Berlim a noção de *ditadura* na primeira metade do século XIX, com uma bolsa da Fundação Alexander von Humboldt. Tem artigos publicado na *Revue Suisse d'Histoire*, *Ayer*, *Spagna contemporanea*, *Media History* e *Migraciones y exilios*. Livros: *Zwischen Apologie und Ablehnung. Schweizer Spanien-Wahrnehmung vom späten Franco-Regime bis zur Demokratisierung (1969-1982)*, Böhlau: 2015; *Tele-revista y la Transición. Un programa de la televisión suiza para emigrantes españoles (1973-1989)*, Iberoamericana/Vervuert: 2015 (com Luís Manuel Calvo Salgado e Concha Langa Nuño).

NAZARÉ TORRÃO

Université de Genève

Desconcerto da natureza humana...

O Amor em Lobito Bay

Nestes nove contos que constituem o volume *O Amor in Lobito Bay* são contadas histórias passadas nos quatro cantos do mundo, nove espelhos que refletem diversas facetas do violento mundo contemporâneo. A autora parece procurar nestes contos ‘a raiz do mal’, expondo as etapas perniciosas que podem levar à sua inevitável ou justificada aceitação. O modo elocutório escolhido para a narração é decisivo no processo de consciencialização das personagens, do mesmo modo que a comunicação literária o pode ser para a escritora e seus leitores. “Escrever é uma forma de resistir”, disse Lídia Jorge na apresentação da obra.

Nesta comunicação, procurarei realçar o modo como nela a autora persegue o espírito de intervenção na res publica característico da sua obra.

Referência:

Lídia Jorge (2016): *O Amor em Lobito Bay* (contos). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Nazaré Torrão é doutorada em Literatura Comparada pela Universidade de Genebra com a tese *Espaço narrativo e identidade nacional literária: A construção da imagem de um país na literatura de Lídia Jorge, Manuel Rui e Mia Couto*. É, desde 2012,

responsável pela unidade de português na mesma universidade. Leciona Língua e Literatura com relevo para a portuguesa, moçambicana e angolana. Desenvolve investigação sobretudo sobre as questões da identidade nacional, das poéticas do espaço e das deslocações. O seu último artigo publicado foi “Reprendre sa place: récits du desexil mozambicain”, sobre a obra de Mia Couto.



RITA CHAVES

Universidade de São Paulo

**Da cidade e do deserto:
matrizes orais e escritas da modernidade em Angola**

Ao trazer para a escrita imaginários incompatíveis com o código colonial, José Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho rompem com a lógica que preside a gramática colonial. Em sua obras, a incorporação de novos sistemas de referências, constituídos a partir dos espaços marginais da cidade e da noção geográfica do deserto, determinaria a criação de procedimentos que fazem da fratura um modo de dizer a diferença e ressaltam a urgência de exprimir o processo convulsionado de universos tocados por mudanças aceleradas.

O exercício da exclusão e a circulação pelas zonas de fronteira, em diferentes acepções, estão na base de práticas de resistência que, em contato com as matrizes da oralidade, se inscrevem nas estratégias narrativas e, assim, definem alguns desenhos da modernidade atualizada pela literatura angolana dos anos 70 aos nossos dias.

Rita Chaves é doutora em letras pela Universidade de São Paulo e professora associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Seus projetos de pesquisa têm focalizado as modalidades e o lugar da narrativa romanesca nos sistemas literários de Angola e Moçambique. É autora de *A*

formação do romance angolano e de Angola/Moçambique – experiência colonial e territórios literários. É coorganizadora de Portanto ... Pepetela (2009); Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a Literatura Moçambicana (2012); Mia Couto: um convite à diferença (2013).

* * *

STEPHAN SCHMID

Universität Zürich

**O ritmo da fala: comparação entre
o português europeu e o português brasileiro**

Nos estudos fonéticos sobre o ritmo da fala, segundo a hipótese da isocronia, distingue-se entre línguas com ritmo acentual (como por exemplo o inglês) e línguas com ritmo silábico (como por exemplo o espanhol). Embora a própria ideia da isocronia tenha sido sujeita a críticas, no novo milênio multiplicam-se as pesquisas experimentais sobre o ritmo da fala. Além disso, também aparece a ideia de que duas variedades de uma mesma língua podem mostrar tendências rítmicas opostas. Em particular, este é o caso da língua portuguesa, onde poderá haver uma tendência para um ritmo de tipo acentual no português europeu face a uma tendência para um ritmo de tipo silábico no português brasileiro. Nessa contribuição, apresenta-se uma síntese de alguns trabalhos dos últimos anos, bem como uma ilustração do método experimental utilizado no estudo fonético do ritmo da fala.

Stephan Schmid é professor titular de Linguística Italiana e colaborador científico responsável pelo Laboratório de Fonética na Universidade de Zurique. A sua pesquisa verte sobre questões ligadas ao contacto linguístico e sobre a tipologia fonológica. Entre as suas publicações incluem-se um ensaio sobre a hipótese das classes rítmicas (2014) e o capítulo dedicado à fonologia segmental na *Oxford Guide to the Romance Languages* (2016).

TOBIAS BRANDENBERGER

Georg-August-Universität Göttingen

Marginalidades literárias em Portugal

Que tipos de desvios considerados perigosos manifestam os textos literários? Como são excluídos ou afastados os autores, as formas, os temas e as personagens que transgridem as regras estabelecidas? Que dialéctica estabelece, na literatura, a margem com o centro, com o cânone, com as práticas hegemónicas? Como se examinam (ou ignoram) e se apreciam tais marginalidades, e quais são as consequências destas visões? Que desafios científicos impulsiona este estado de coisas?

São estas as questões que orientarão a nossa aproximação às marginalidades literárias e que procuraremos esclarecer e ilustrar, através de exemplos de diferentes momentos da literatura portuguesa.

Tobias Brandenberger é professor catedrático de Filologia Românica da Universidade de Göttingen (Alemanha). Doutor em Filosofia e Letras (Filologia Ibero-românica) pela Universidade de Basileia (Suíça) com uma tese sobre a construção dos papéis de género e do discurso sobre o matrimónio na Idade Média e no Renascimento (*Literatura de matrimónio – Península Ibérica, s. XIV- XVI*), as suas principais áreas de investigação são os *gender studies* literários, as relações culturais ibéricas e suas imagologias e a intermedialidade (literatura e música), focando tanto as literaturas ibéricas da Idade Média e da Primeira Idade Moderna, como as dos séculos XIX e XX. Algumas publicações suas: *La muerte de la ficción sentimental. Transformaciones de un género iberorrománico* (2013); *Deseos, juegos,*

camuflaje: los estudios de género y queer y las literaturas hispánicas de la Edad Media a la Ilustración (com Henriette Partzsch) (2011); *Corpo a corpo. Körper, Geschlecht, Sexualität in der Lusophonie* (com Henry Thorau) (2011); *A construção do outro: Espanha e Portugal frente a frente* (com Elisabeth Hasse e Lydia Schmuck) (2008); *Dimensiones y desafíos de la zarzuela* (2014).



